

Psicoterapia com homens: experiências, desafios e estratégias de psicoterapeutas socioconstrucionistas

Psychotherapy with men: experiences, challenges, and socio-constructionists strategies

Adriano Beiras* 

Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil (adriano.beiras@ufsc.br)

David Tiago Cardoso 

Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC, Brasil (cardosodt@univali.br)

*Autor correspondente.

Recebido: 28-março-2024

Aceito: 08-julho-2024

Publicação: 15-julho-2024

Citação recomendada: Beiras, A., & Cardoso, D. T. (2024). Psicoterapia com homens: experiências, desafios e estratégias de psicoterapeutas socioconstrucionistas. *Psicoperspectivas*, 23(2). <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-vol23-issue2-fulltext-3219>

RESUMO

O estudo investiga como o conceito de masculinidades é utilizado na psicoterapia e saúde mental, analisando se possui relevância para compreender problemáticas psíquicas sob perspectivas sociológicas e feministas. Nesta pesquisa qualitativa-exploratória, foram entrevistadas/os dez psicólogas/os psicoterapeutas brasileiros com abordagens alinhadas ao construcionismo social. As entrevistas online transcritas possibilitaram três dimensões temáticas: masculinidades; estratégias terapêuticas; e relação com a epistemologia do construcionismo social. Por meio do estudo das narrativas para identificar significações e particularidades da experiência clínica desses profissionais, a análise destacou a diversidade na utilização e entendimento do conceito de masculinidades, destacando-se a utilização de recursos conversacionais e a abordagem de demandas masculinas em psicoterapia. Foi possível identificar a importância do construcionismo social para integrar aspectos macrossociais e microrrelacionais no tratamento de questões masculinas em contextos clínicos, apesar de nem sempre serem empregadas leituras sociológicas e acadêmicas convencionais do conceito. As narrativas sugerem que a utilização do conceito de masculinidades nas práticas psicoterapêuticas podem enriquecer ofertas de cuidado e saúde mental mais integradas e contextualizadas.

Palavras-chave: construcionismo social, homens, masculinidade, técnicas psicoterapêuticas

ABSTRACT

This study addresses how psychotherapy and mental health is using the concept of masculinities, analyzing whether it is relevant to understanding psychological problems from sociological and feminist perspectives. In this qualitative-exploratory research, we interviewed ten Brazilian psychotherapists with approaches aligned with social constructionism. Transcribed online interviews enabled three thematic dimensions: masculinities; therapeutic strategies; and relationship with the epistemology of social constructionism. By studying the narratives to identify meanings and particularities of the clinical experience of these professionals, the analysis highlighted the diversity in the use and understanding of the concept of masculinities, highlighting the use of conversational resources and the approach to male demands in psychotherapy. It was possible to identify the importance of social constructionism in integrating macro-social and micro-relational aspects in the treatment of male issues in clinical contexts, despite the fact that conventional sociological and academic readings of the concept are not always used. The narratives suggest that using the concept of masculinities in psychotherapeutic practices can enrich more integrated and contextualized mental health and care offerings.

Keywords: masculinity, men, psychotherapeutic techniques, social constructionism

Conflitos de interesse: As pessoas autoras declaram não haver conflitos de interesse. (Las personas autoras declaran no tener conflictos de interés).



Publicado bajo [Creative Commons Attribution International 4.0 License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Os estudos de masculinidades estão consolidados em diversos campos das humanidades, a exemplo, psicologia social, antropologia, sociologia, educação, estudos feministas e de gênero, entre outros (Connell & Messerschmidt, 2013). No campo da saúde, destaca-se a área de saúde coletiva as relações com políticas públicas relacionadas a gênero e saúde do homem (Hemmi et al., 2020; Silva & Melo, 2021). Apesar destes avanços no campo e conhecimento amplo (Connell & Messerschmidt, 2013, Pamplona & Barros, 2021), nota-se uma menor frequência deste conceito, em sua perspectiva sociológica, no âmbito da saúde mental e das psicoterapias, havendo uma diferenciação importante a partir das abordagens clínicas e concepções de sujeitos (Cardoso & Beiras, 2022). Quando aparece nas abordagens clínicas, relaciona-se a questões de estereótipos de gênero, essencialismos e divisões binárias da experiência subjetiva de homens, sem considerar discussões contemporâneas dos estudos de gênero ou teorias feministas que integram os estudos de masculinidades academicamente.

Houve uma prevalência inicial na década de 1990 de publicações voltadas a pensar a aproximação dos homens a emoções e a uma suposta “crise de masculinidade” ou ausência paterna, como, por exemplo, o livro editado por Pollack e Levant (1998). Este aspecto clínico retornou contemporaneamente, apesar de críticas feministas, com perspectivas mitopoéticas, livros de autoajuda e grupos de homens e masculinidades que querem refletir outras maneiras de ser homem pouco alinhadas aos estudos acadêmicos sociocríticos. Em contraste, as leituras críticas do conceito de masculinidades buscam desenvolver um olhar sobre a organização da sociedade ou ainda performatividades de gênero, inteligibilidade de corpos generificados e críticas feministas ao patriarcado e violências (Beiras & Cantera, 2014), no lugar de focar-se estritamente em aspectos emocionais, bem-estar individual ou relação com figuras masculinas arquetípicas.

Diante disso, como a experiência subjetiva masculina tem sido expressa em determinadas práticas clínicas? De que forma psicoterapeutas têm produzido diálogos e reflexões de gênero e masculinidades em suas práticas? Este conceito, em seu formato sociológico e acadêmico faz sentido e pode ser útil para os psicoterapeutas? Que mudanças ou permanências são vistas nas práticas clínicas com homens? E, que estratégias terapêuticas podem se conectar com as discussões sociológicas e interdisciplinares contemporâneas sobre masculinidades? Neste estudo explora-se como o conceito de masculinidades é utilizado nas intervenções clínicas de psicoterapia, analisando se possui relevância para compreender problemáticas psíquicas, sob perspectivas sociológicas e feministas. Pesquisas semelhantes no contexto internacional auxiliam no fortalecimento desta proposta (Berry et al, 2021; Seidler et al, 2021).

Admite-se uma diferenciação de experiências e leituras do sofrimento psíquico quando centrada no público masculino (Iaroseski & Kristensen, 2022; Silva & Melo, 2021), derivando reflexões sobre violências, relações com mulheres, ciúmes, virilidade, prática sexuais, cuidados com a saúde, dinâmicas familiares, justiça social, equidade, entre outros. Destaca-se no âmbito internacional, o documento guia prático para trabalhar com homens, publicado pela American Psychological Association (2018), contribuindo com recomendações recentes para o trabalho clínico com homens.

Em revisão narrativa de literatura, Iaroseski Neto e Kristensen (2022) analisam que os homens possuem menor engajamento em saúde mental por motivações culturais e contextuais. No estudo empírico realizado por Walger et al., (2022) chegou-se aos resultados que os homens procuram os serviços de saúde mental, mas que a psicoterapia tem o objetivo de curar e não de prevenir ou promover saúde, que optam, para tal, de conversas com amigos e livros de autoajuda. Comum nos dois estudos é o fato que homens estão procurando mais serviços de saúde mental, ainda que haja a necessidade de promover ações de conscientização para ampliar o acesso e treinamento dos profissionais que irão atendê-los.

Com os avanços das reflexões feministas contemporaneamente, abordagens clínicas receberam críticas por normalizar e difundir um formato de família patriarcal que corrobora para um desequilíbrio da ordem de gênero (Guahyba et al., 2019), ou promover a manutenção de uma masculinidade vinculada a poder e domínio masculino na sociedade, o ainda não incorporar de forma insuficiente experiências que estão às margens da cisheteronormatividade (Carvalho & Nardi, 2024). Por outro lado, abordagens em interface com o Construcionismo Social (Cardoso & Beiras, 2022) vem procurando destacar-se como práticas implicadas com aspectos macrosociais, ainda que promovam intervenções no nível

microsocial, demonstrando uma preocupação de psicoterapeutas em conversações que derivam relações éticas e produzem implicação e transformação social (McNamee et al., 2023).

Procurou-se dialogar com a produção de conhecimentos sobre estas temáticas, centradas na perspectiva do Construcionismo Social, ao analisar narrativas de psicoterapeutas brasileiros experientes vinculados a abordagens que utilizam esta epistemologia em suas diferentes modalidades (terapias narrativas, colaborativas, sistêmica pós-moderna, entre outras). Trata-se de uma proposta de produção acadêmica que não busca generalizar, mas produzir um estudo qualitativo-exploratório que permita entender o contexto clínico de psicoterapia com homens no contexto brasileiro, explorando ferramentas clínicas e experiências localizadas.

Burr e Dick (2021) apresentam os principais fundamentos socioconstrucionistas: i) posição crítica diante de conhecimentos concebidos como verdades absolutas; ii) os modos de compreender o mundo e o sujeito em sua singularidade são artefatos sociais, produtos de relações sociais, localizados histórico e culturalmente; iii) as descrições do mundo e do *self* são sustentadas ao longo do tempo devido às vicissitudes do processo social; iv) o significado da linguagem possui genealogia do seu modo de funcionamento dentro dos relacionamentos; v) compreender as formas de discurso existentes é ao mesmo tempo entender os padrões de vida cultural. No campo da psicologia clínica, é definido como uma abordagem psicoterapêutica pós-moderna interessada no processo, em que a pessoa atendida e psicoterapeuta exploram juntos, por meio de trocas dialógicas, as várias possibilidades narrativas (Anderson & Gehart, 2022; Lax, 2020). Algumas premissas deste modelo clínico são apresentadas por Anderson e Goolishian (2018): os sistemas humanos são geradores de linguagem e de sentidos; os sentidos e entendimentos são construções sociais; a terapia é um evento linguístico; o psicoterapeuta exercita a postura de não-saber; a mudança é a criação de uma nova narrativa.

Justifica-se a centralidade no construcionismo social por ser o contexto brasileiro um dos mais férteis nesta abordagem (Fernandes & Nascimento, 2019; Guanaes-Lorenzi et al., 2014, Rasera, 2021), inclusive com a produção de livro recente do campo, que demonstra o dinamismo e contemporaneidade desta abordagem clínica no país e sua relevância internacional (McNamee et al., 2023). Além disso, Brasil é um dos poucos países que possui uma política nacional de saúde dos homens e um local onde o contexto de discussão de masculinidades tem se tornado potente e diverso, com produções acadêmicas e vinculações com movimentos feministas e teorias feministas acadêmicas.

Diante deste contexto, um desafio importante deste estudo é analisar o uso deste conceito de masculinidades a partir de seus entendimentos provenientes da psicologia social e da sociologia nas práticas clínicas com homens, especialmente na sua significação como um conceito analítico para compreender a organização social da sociedade e suas implicações com problemas sociais, justiça social e sofrimentos psíquicos. Diferente de perspectivas que podem entender o conceito de uma forma reduzida e ligada apenas estereotípia binária do que é ser e constituir-se como homens, busca-se refletir sobre estratégias clínicas e abordagens que possam conectar aspectos macrosociais e microsociais contemporâneos sobre a construção de subjetividades masculinas, a partir de sujeitos que se identificam como homens em nossa sociedade.

Método

Desenho do estudo

Este estudo de abordagem qualitativa-exploratório foi realizado a partir de entrevistas semiestruturadas com dez psicoterapeutas brasileiras/os de base construcionista social de diferentes regiões brasileiras, no formato online e gravado em vídeo. Tomaszewski et al. (2020) destacam que este modelo qualitativo de pesquisa oferece às pessoas pesquisadoras uma compreensão profunda e detalhada dos fenômenos sociais estudados, respeitando a complexidade e a riqueza das experiências das pessoas participantes da pesquisa. O desenho da investigação foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Santa Catarina sob o número CAAE 75172623.0.0000.0121.

Participantes

Os critérios de inclusão para a participação foram: ser psicóloga/o com registro ativo no Conselho Regional de Psicologia; atuar na área de psicologia clínica com psicoterapia construcionista social; ter atuado com homens nos últimos cinco anos; estar disposto/a em participar de uma entrevista semiestruturada, contendo questões abertas, com duração de aproximadamente 1 hora. Com o critério atuação nos últimos cinco anos com homens, buscou-se garantir que as narrativas trouxessem múltiplas experiências e desafios da prática profissional. Os demais critérios atendem ao código de ética de atuação profissional em Psicologia no Brasil (Conselho Federal de Psicologia, 2005) e às resoluções nacionais para pesquisa com seres humanos.

Como o foco foi em psicoterapeutas que atuam com base na epistemologia construcionista social, as pessoas entrevistadas tinham reconhecida atuação na área, por meio de publicações acadêmicas e participação em eventos científicos, tendo sido convidadas diretamente pelos pesquisadores ou indicadas por colegas entrevistados e reconhecidos no campo, com a possibilidade de aceitar ou não o convite. A escolha de profissionais deste modelo epistemológico se deve ao reconhecimento de uma perspectiva crítica e reflexiva sobre as construções sociais de gênero (Cardoso & Beiras, 2022), central para os objetivos deste estudo. A **Tabela 1** apresenta as características dos profissionais entrevistados.

Tabela 1
Características dos profissionais

| Profissional | Gênero | Tempo de formação | Titulação |
|--------------|-----------|-------------------|--------------|
| P1 | Masculino | 13 anos | Doutor |
| P2 | Feminino | 12 anos | Doutora |
| P3 | Feminino | 39 anos | Doutora |
| P4 | Masculino | 23 anos | Especialista |
| P5 | Masculino | 25 anos | Mestre |
| P6 | Masculino | 13 anos | Especialista |
| P7 | Feminino | 11 anos | Especialista |
| P8 | Feminino | 07 anos | Graduada |
| P9 | Feminino | 41 anos | Doutora |
| P10 | Feminino | 08 anos | Mestra |

De modo a preservar a identidade das pessoas entrevistadas e não criar uma hierarquia, organizou-se os nomes ordenados temporalmente, da primeira contactada para última. Os nomes foram substituídos pela letra P (psicoterapeuta) seguida de numeração para identificar de quem é a narrativa.

Considerações éticas

A pesquisa foi desenvolvida com base nos princípios éticos, respeitando ao que preconiza as pesquisas realizadas com seres humanos, de acordo com a Resolução No. 466 de 12 dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Neste sentido, foram respeitados o sigilo e anonimato das pessoas participantes que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, aceitando participar de modo online e tendo a entrevista gravada.

Procedimento

Foram utilizadas como instrumentos de pesquisa entrevistas semiestruturadas, que contemplaram 12 perguntas que tratavam sobre a trajetória e experiência do terapeuta, sobre o conceito de masculinidades, recursos clínicos utilizados, reflexões de gênero no atendimento de homens e mulheres, desafios e perspectivas futuras da psicoterapia com homens. Tomaszewski et al. (2020) indicam que este modelo facilita os diálogos, por se adaptarem ao contexto e permitir flexibilidade na entrevista, aprofundando as narrativas.

Inspirados por uma metodologia feminista qualitativa de enfoque narrativo-crítico (Beiras et al., 2017), especialmente por ser uma metodologia coerente com a base teórica e epistemológica deste estudo focada em estudos de gênero, linguagem e narrativas e construcionismos social, organizou-se o material produzido em duas etapas, seguindo as algumas das sugestões de Beiras et al. (2017): a) etapa de preparação: as entrevistas foram realizadas de forma online, gravadas em vídeo e transcritas integralmente, estudadas pelos pesquisadores, que destacam aquelas narrativas pertinentes ao estudo; e b) etapa de análise: centrada na análise temática em diálogo com as epistemologias críticas, interpretando as narrativas selecionadas na primeira etapa.

Análise

A análise do material foi feita a partir do estudo de narrativas (Beiras et al., 2017; Riessman, 1993; 2008). Iniciou-se por uma organização temática e análise reflexivo crítica, concentrada em um número reduzido de sujeitos, pois não há intenção de produzir um conhecimento generalizado, mas em um conhecimento situado em questionamentos críticos sobre o contexto estudado e à interação social. Busca-se explorar particularidades de um contexto específico estudado e, porventura, indicar chaves e especificidades para futuros estudos ampliados.

Riessman (2008) explica que os detalhes narrativos apontam às reflexões críticas sobre discursos dominantes e suas relações com a subjetividade e relações de poder na sociedade. Observou-se, portanto, como a pessoa entrevistada organiza sua experiência em uma sequência narrativa que busca dar sentido aos eventos de sua prática profissional, por meio de recursos linguísticos que convidam o ouvinte à autenticidade de sua narrativa (Riessman, 1993).

Desta forma, o estudo de narrativas busca explorar particularidades e significações sobre um determinado tema. Organizou-se o material em três dimensões temáticas relevantes para este artigo, a saber: masculinidades (contemplando o eixo de gênero e masculinidades e seu uso teórico), estratégias terapêuticas (contemplando a ação clínica e sua interlocução com teorias e conceitos) e relações com o construcionismo social (contemplando o recorte epistemológico e abordagem clínica e suas potencialidades possíveis). Estas dimensões foram construídas primeiramente a partir dos temas centrais do roteiro de entrevista previamente organizado de forma a responder à pergunta de estudo. E em um segundo momento, a partir uma leitura flutuante e separação de narrativas realizada por ambos os autores, separadas tematicamente, seguindo os princípios e recomendações dos estudos qualitativos narrativos dos autores mencionados anteriormente (Beiras et al 2017; Riessman, 1993, 2008).

Resultados e discussões

Esta seção descreve as narrativas derivadas de cada dimensão com trechos ilustrativos e, em seguida, passa-se para uma discussão reflexivo-crítica sobre os significados propostos pelas pessoas entrevistadas sobre suas experiências de atendimento aos homens.

Masculinidades

Nesta primeira dimensão temática explora-se o uso e entendimento do termo masculinidades. O conceito foi descrito a partir de sua perspectiva acadêmica e sociológica por dois dos entrevistados, os demais utilizam de forma ampla, conectando com suas práticas:

entendo que é uma construção plural, mas eu também entendo que tem uma masculinidade hegemônica que ela conta sim de um efeito (...) do patriarcado no cotidiano. E eu acho que essa definição dessa masculinidade hegemônica de uma construção de um homem que não pode se manifestar, impedido de manifestar sua sensibilidade ou ele é autorizado também a lidar com violência ou com muita raiva e ele também não entende as outras emoções de um jeito mais diverso. Assim tudo vira raiva, essa emoção mais forte, é e que também é desobrigado de ações de cuidado no cotidiano desde a sua infância até sua vida adulta, seja cuidado em suas relações interpessoais, seja cuidado nas tarefas domésticas, seja cuidado de perceber nuances com a relação com outras pessoas especialmente em relações heterossexuais. Então, especialmente na relação com outras mulheres, mas também entendo que tem um atravessamento patriarcal que atravessa relações homossexuais.

Enfim, eu acho que ter comigo esse entendimento de uma masculinidade hegemônica me ajuda a estar sensível a meus atendimentos com homens. (P2)

É interessante marcar a compreensão de Connell e Messerschmidt (2013) quando destacam que a masculinidade hegemônica talvez não seja vivida pela maioria dos homens, mas deve-se compreendê-la como um lugar que todos eles possuem como referência. Gergen (2015) contribui com a fala da entrevistada quando o autor reconhece a pluralidade de expressões de *Selfs* disponíveis em todos os contextos relacionais, e, quando está se tratando de gênero, a masculinidade hegemônica é uma das tantas possibilidades. Quando P2, mulher, trabalha com o conceito elaborado por Connell (2003) nos atendimentos, para a produção de uma escuta sensível às demandas dos homens, ela convida-os a desocuparem esse lugar ou seguir um caminho distinto do proposto pela masculinidade hegemônica. Silva e Melo (2021) alertam para padrões hegemônicos de masculinidade e suas correlações com sofrimentos de homens e suas formas de cuidado. Para um psicoterapeuta homem, tal conceito amplia as possibilidades de entendimentos no diálogo com os homens:

Eu tenho entrado em contato com os estudos de gênero, com a questão das masculinidades. Amplia e sofisticada a minha compreensão sobre as situações familiares nos casais que eu recebo. Eu sempre quando estou atendendo famílias e casais, e mesmo individualmente, tem coisas que os pacientes homens falam, eles descrevem comportamentos que eu falo: - Isso é coisa de homem. - Isso é coisa de masculinidade hegemônica ... (P5)

Independente do gênero da pessoa psicoterapeuta, o conceito opera nos diversos contextos relacionais. Contudo, parece haver uma diferença quando os psicoterapeutas homens relatam receber mais homens que suas colegas mulheres em seus espaços clínicos, aspecto também encontrado no estudo de Iaroseski e Kristensen (2022). Um dos entrevistados explica que não se alinha em sua vida pessoal aos requisitos da masculinidade hegemônica, trazendo características de sensibilidade para explicar este posicionamento; outro comenta que por ser um homem gay, traz um olhar reflexivo-crítico ao conceito que acredita ser produtivo como recurso clínico.

Eu nunca estudei a fundo especificamente o conceito de masculinidade. Eu entro bastante na maneira como a narrativa trabalha, de pensar que as masculinidades se constroem através dos discursos e das narrativas que a gente vive numa sociedade. Exatamente por causa da questão de discursos, vivências e discursos muito problemáticos se refletem na maneira dos homens viverem suas vidas. Então, quando eu recebo homens, eu não recebo poucos, eu recebo muitos homens. Até pelo fato de ser homem. (...) Dentro também das masculinidades tradicionais, um homem não faz terapia com uma mulher. Ele tem muito mais dificuldade para se abrir. Então, no fato de ser homem e de ser um dos poucos homens, porque, num contexto da psicologia, nós, homens, somos muito minoria. (P4)

Neste aspecto Paredes de Oliveira et al. (2022), em um estudo sobre as percepções de gênero e masculinidades em intervenções psicoterapêuticas, indicam que os psicólogos homens são considerados ou percebidos como mais metódicos, frios e calculistas, em contraste com a percepção sobre as mulheres, mais calorosas, emocionais e empáticas. Esta percepção pode ter relação com a postura de P7:

eu acho que tem muito a ver com humor (...) especialmente no começo assim quando tem um estranhamento (...) eu acho que eu questionei isso como feminista, porque eu entendo que muitas vezes o meu caminho de tentar ser mais divertida, mais leve por um caminho, assim menos tenso, eu acho que é muito produtivo. Quando eu olho para o processo como um todo, mas enquanto eu estou vivendo isso, eu vou reconhecendo essa dinâmica de gênero masculino-feminino, a mulher tentando ser engraçada ou divertida ou agradável para não tensionar demais e perder ou corromper aquela possibilidade do homem continuar em terapia...

Seus questionamentos feministas sobre a prática psicoterapêutica com homens dialogam sobre um importante conceito do Construcionismo Social: a reflexividade. Cunliffe e Ivaldi (2021) definem-o como um olhar para si, para posicionamentos que afetam as interações sociais, questionando normas e discursos dominantes, além de um engajamento em práticas dialógicas com o Outro. Assim, destaca-se

que na experiência das mulheres psicoterapeutas há um cuidado para não afastar os homens do processo, como na narrativa de P10:

Vou mais para esse lugar de sempre estar atenta: - Como que eu não deixo essa reflexão passar? Eu realmente acredito que na clínica a voz combativa, ela não me ajuda nada. Porque senão eu não vou estar produzindo um vínculo. Assim, eu entendo que esse lugar militante que eu estou chamando de combativo aqui, óbvio que não é violento, agressivo, mas é talvez mais contundente.

Um dos cuidados é falar sobre sentimentos com os homens. Andersen (2002, p. 58) traz que uma das mudanças terapêuticas “[...] atua como uma ameaça à sua integridade. Para defender essa integridade, ele se fecha ao ato impositivo ou instrutivo que vem de fora”. Nas trocas dialógicas, o afeto pode dar lugar ao tema *trabalho*, que indicam este lugar social do homem e sua importância em suas construções subjetivas, como indicam alguns dos entrevistados. Como explica Keijzer (2003), o trabalho tem uma grande centralidade no processo de identidade masculina, com suas relações com o prover e o poder na família, além disso, esta relação está diretamente relacionada à falta de cuidados e saúde. Estes homens trabalham exaustivamente, desafiando o corpo, como sinal de força e masculinidade.

As emoções estão no processo psicoterapêutico da seguinte forma: Outro tema que me chama atenção, assim que eu acho que passa, é coisa de homens que não têm um vocabulário emocional disponível para si. Então digo que não tem essa tradição, essa forma de estar no mundo em que compreender a forma como as suas próprias emoções funcionam, ou olhar para esse mundo emocional que aparece. (P1)

Eu acho que as conversas masculinas, elas não estão focadas nas questões pessoais..., acho que as narrativas são muito lógicas, são muito consistentes no sentido da história de cada um. O que eu acho que tem uma diferença é exatamente em como vivencio os sentimentos dessa situação e como eu consigo trazê-lo. Porque eu acho que a dificuldade às vezes é nomear os seus sentimentos. (P3)

As emoções, em nosso contexto social, têm uma construção social genericada. Os discursos sociais sobre gênero trazem significações, permissões e divisões para a expressão emocional. Muitas emoções são consideradas naturalmente femininas e os homens são subjetivados a eliminar, trazer a racionalidade para o centro e inibir suas expressões. Paredes de Oliveira et al. (2022) explicam que os psicoterapeutas de seu estudo sobre percepção de gênero e masculinidades na prática clínica mencionam a existência de uma falta de expressividade nos homens e não de emoções, quando comparado a mulheres, proporcionando efeitos na relação terapêutica. Como fazer então?

Estratégias de intervenção

Abre-se a discussão para a segunda dimensão: estratégias de intervenção. Um dos entrevistados explica que a psicoterapia funciona como um contexto relacional que promove conversas pouco usuais para os homens:

muitas vezes, a conversa terapêutica, ela funciona como essa forma de fazer um convite para esses homens de olharem para lugares no mundo. Ou seja, fazerem recortes, fazerem distinções, que são um pouco comuns no cotidiano deles. Assim, pelos conjuntos de relações que eles circulam. Acho que a terapia acaba funcionando como um contexto relacional que promove conversas que são um pouco usuais nos contextos que esses homens. Mas participam assim, com outros homens principalmente, né? (P1).

A estratégia de produção de novos vocabulários, de curiosidade, de relativização e de reflexão crítica em um espaço seguro onde não há certo e errado e sim a busca de relações éticas e redução de sofrimentos psíquicos e problemas são expostas pelos entrevistados. McNamee (2018) convida a “*usar recursos familiares em lugares não familiares*”, partindo do entendimento que todos possuem muitas vozes, opiniões, visões e atitudes diferentes sobre um mesmo assunto. Esta multiplicidade para as/os psicoterapeutas construcionistas é familiar, mas pode não ser para as pessoas atendidas. Contudo, não trata-se de adotar um modelo que sirva para todos os homens atendidos:

Eu acho que varia muito. Eu não acho que eu tenha um recurso específico, mas eu acho que eu sou essa terapeuta com homens que vai fazendo esses convites mesmo pro sensível, para a

responsabilidade afetiva. Então, eu acho que eu consigo estar conversando muito com os discursos do patriarcado para fazer perguntas que vão me ajudar a estar ali com esses homens e acessar coisas importantes e valiosas para eles. Eu acho que é sempre me conectando com isso é com a sensibilidade das coisas com as relações com a responsabilidade deles é nas relações no que eles disseram e no que como eles lidam com algumas coisas (P2)

Trata-se de uma postura radicalmente relacional (McNamee, 2018). O exercício dela é compreendido quando uma das psicoterapeutas traz dois recursos terapêuticos que podem lançar luz aquelas/es psicoterapeutas que tem interesse em algo mais concreto:

A primeira é produzir diário de terapia entre sessões. Registrar o que foi acontecendo com você, com essa dimensão do sentimento, da emoção. Porque muitas vezes o relato vem desse lugar que é “isso aconteceu”. E aí as perguntas “como é que você se sentiu nesse processo?” e “o que você foi fazendo com isso?”, “como é que isso interferiu no seu cotidiano, nas suas relações?” (...) Uma outra coisa que eu sempre tento pensar é exatamente esse lugar de testemunhas. Por exemplo, quando eu falo desse caso, que é um caso que me ajuda muito a pensar, ele já escreveu cartas assim para mim, para que eu leve para outras sessões de homens. (P10)

Por meio desta postura, as perguntas são encorajadas pela “[...] curiosidade pela diferença, abertura para a formação de novas compreensões, e um movimento para longe de acordos ou julgamento de perspectivas” (McNamee, 2018, p. 82). Outro recurso é o uso de metáforas, que não tocam diretamente na demanda, mas a circulam de modo a produzir sentidos que uma fala aberta não alcançaria. Ironia e, por vezes, o humor, também são recursos linguísticos que chegam de outra maneira aos homens:

às vezes a gente usa ironias ou coisas tal. E eles captam mais uma metáfora, usam pegar no pé, mas que tem um fundo de verdade, algum ponto pra você pegar. (P4)

Trajano e Gonçalves (2020) indicam que as metáforas são possibilidades de oferecer um recurso de linguagem para o cliente narrar suas histórias à sua própria maneira, facilitando o entendimento do psicoterapeuta, na medida que possibilitam o relato de experiências difíceis pelo cliente em uma linguagem mais acessível. Neste sentido, as ironias e o humor também são recursos linguísticos relacionais que possibilitam entrar em jogos de linguagem que os homens estão mais confortáveis em participar. Para as pessoas entrevistadas é necessário ampliar esses recursos:

Isso porque gera também uma possibilidade de outros tipos de conversas, para além da terapia (...) às vezes vão vir ideias na minha cabeça, às vezes você vai falar uma coisa que vai me lembrar um filme, que vai lembrar um livro, ou às vezes um texto na internet. E se você me disse que gosta de ler, eu vou poder dizer “pô, tem esse texto aqui pra ler”. Ou então tem gente que gosta de filme, “pô, tem um filme muito bom sobre isso que a gente conversou”. (P4)

A arte me ajuda muito também como terapeuta. Eu sempre indico documentários, sempre vou falando sobre masculinidade, aqueles mais famosos “Precisamos falar sobre os homens”. Sempre mando esses documentários para os homens que eu atendo, pra algumas mulheres que esse assunto acaba chegando. Entre outros, como podcast, filmes etc. (P2)

Ampliar as possibilidades narrativas sobre as diferentes masculinidades vivenciadas pelos homens que buscam psicoterapia pode ser alcançado ao transcender as barreiras simbólicas do consultório tradicional, utilizando recursos que oferecem uma variedade de abordagens linguísticas. Isso não apenas permite a construção e narrativa de diversas versões de masculinidades, mas também possibilita uma compreensão mais profunda e inclusiva das experiências masculinas.

Construcionismo social na prática psicoterapêutica

A terceira dimensão trata dos efeitos do construcionismo social na prática psicoterapêutica. Destaca-se o olhar do psicoterapeuta em uma posição de não saber e de curiosidade (Anderson, 2023), assim a exploração de sentidos e significados, trazendo o recorte contextual, cultural e relacional, permite aos homens explorar caminhos e sentidos diferentes para suas narrativas e vivências.

Até pela teoria, porque eu falei assim como eu tenho uma abordagem narrativa e obviamente uma abordagem dentro do socioconstrucionismo. Isso é para mim, facilita a minha postura. Eu acho que a

questão da postura diante do atendimento, diante da pessoa, ela abre muito a porta. Então, dentro, por exemplo, do Construcionismo Social, a postura do não saber e a ênfase na relação terapêutica, para mim, ela é, eu acho que a chave da minha relação e do meu vínculo com esses homens, sabe? Então, pra mim, essa é uma chave que é muito importante. (P4)

a gente trabalha fortemente com essa postura de não saber e curiosidade local, mas enquanto, com o homem essa expressão é plena (...) de uma resistência. A aceitação é com a sua descrição ininterrupta da visão que ele tem para então em algum momento dessa descrição acontecer um sentimento diferente, nem que seja um sutil assim uma expressão de um constrangimento. (P6)

Anderson (2023) destaca que o “*não saber*” se refere à posição do psicoterapeuta, mas não um posicionamento neutro. Trata-se do exercício de uma atitude, de uma convicção, ao tempo que aceita que não tem acesso à informações privilegiadas para além daquelas trazidas pela pessoa atendida. Seu entendimento sempre está contingenciado àquilo em que é construído na relação terapêutica, nas conversas das sessões, o que desloca a especialidade sobre a vida da pessoa para a própria pessoa, ficando o psicoterapeuta numa condição de aprendiz sobre outro que está à sua frente. Nesta postura é necessário estar atento aos convites que a pessoa atendida faz ao psicoterapeuta para conhecer o modo como vive a sua realidade. Assim, por mais que a Masculinidade Hegemônica produza a sensibilidade para conversas terapêuticas, mesmo por ser uma referência, P4 convida à escuta, de estar aberto a compreensão de como o homem atendido vivencia sua masculinidade no cotidiano. Em outras palavras, não é o psicoterapeuta que busca encaixar o atendido ao conceito, mas abre-se a porta para a entrada do sujeito que dá sua versão de como experimenta suas relações.

Tal exercício para um psicoterapeuta homem pode ser facilitado pelo que Medrado e Lyra (2008) chamam de homossociabilidade masculina. Nas palavras de P2, psicoterapeuta mulher, a postura de não-saber não é um movimento tão fácil, pode ser cansativo, ainda que as transformações conquistadas no processo terapêutico sejam animadoras:

Uma colega lá faz uma metáfora de que a gente, às vezes, nos atendimentos com homens, a gente é o mágico que fica tirando o negócio da cartola assim sabe: vamos lá, o que que a gente vai fazer agora? Enquanto algumas mulheres chegam dão o *play*, começam a falar aí a gente tá cuidando, elas sabem o que eu falei na última sessão, assim tem um movimento diferente. Então eu acho que sim isso cansa em alguns atendimentos. (P2)

A mesma homossociabilidade masculina que permite um diálogo entre homens (psicoterapeuta e homem atendido) limita o repertório para diálogos com uma mulher psicoterapeuta, como pode ser observado na narrativa de outra psicoterapeuta:

a maior parte dos homens que eu atendo são atendimentos que me cansam, são muito difíceis (...). Então tem acho que muitas interseções, mas que é esse tipo de atendimento é que eu fico eu me debrucei, eu me doou, eu entro muito no mundo dele e nas metáforas dele e no que aconteceu na semana. Aí sim para a partir disso elaborar alguma brecha, alguma reflexão, alguma coisa que possa ampliar a conversa. (P7)

Parece que a dialogia com outro homem em um espaço seguro permite trilhar estes espaços e possibilidades de aberturas, assim como a reflexão crítica no olhar ao micro e ao macrossocial. Falar com os homens é falar de construções sociais sobre os homens, mesmo que possa parecer cansativo para psicoterapeutas. McNamee et al (2023) observam que a definição do *Self* é proporcionada em duas dimensões: a forma como a sociedade funciona e pelo lugar que o sujeito ocupa nela.

eu acho que micro e macro não acontecem separados. Então, esse macro se reproduz de novo nessas interações micro, então, cada vez que a gente tá conversando sobre, está desafiando algum discurso social, produzindo uma diferença ou muita. Acredito que isso tenha um impacto social assim, né? Então, sei lá, um cara que revise essa forma agressiva de lidar com sua família. Para mim, isso tem um impacto claro, direto, na vida dessas pessoas ali. (P1)

Isso aí a gente precisa encontrar esses lugares que são próprios, estão na linguagem da pessoa para que a gente possa usar o que já está desenvolvido para potencializar, crescer e não uma coisa do zero, mas que já tem historicidade no cliente. Senão a gente vai passando só doutrinador, vai estar sendo

apenas mais uma invasão de cultura que é externa. Precisa vir de dentro e isso é colaboração, isso é a parte do nosso saber e da curiosidade. (P6)

É relevante observar que na fala de uma das psicoterapeutas mulheres, há uma sensação inicial de hierarquia quando atende os homens, e relata como procura conectar com esta sensação e transformar em recurso terapêutico:

Embora eu tenha um bom vínculo com os homens assim, eu sinto que a gente consegue se fortalecer muito. Toda vez que chega um homem para mim me dá um negócio assim, sabe do tipo como se fosse uma sensação hierárquica, então não sei se já esqueço. É um primeiro ponto, assim como se fosse um lugar hierárquico, mesmo assim do tipo “nossa, eu vou atender um homem nessa figura poderosa, de alguma forma”. Então não esqueço a minha primeira sensação, então sempre quando acho que eu vou para uma primeira sessão com um homem. Essa sensação reverbera em mim por muito tempo, então acho que eu vou entender no que a masculinidade ela opera na clínica para mim a partir desse momento que eu vou. (P8)

Independente do gênero do psicoterapeuta, o Construcionismo Social, na psicoterapia com os homens, oferece recursos linguísticos que convidam a negociação de sentidos:

Eu acho que eu poderia, por exemplo, pedir para ele pensar quando ele pensa em homem, quais são os sentidos e significados que surgem para ele a partir desse termo. E a partir dessa construção dele, ou seja, como é que ele, qual o significado e sentido que dá para palavra homem, oferecer um contraponto, por exemplo. Mas você tem que ver a hora que você vai fazer isso também. (...) Talvez ele comece a dizer que ele não se sente respeitado na sua autoridade, né, “- Mas o que autoridade de que você...?” “- A autoridade é, de eu ser o homem ou a pessoa que traz dinheiro para casa”. “- Eu estou fazendo aqui o meu papel de homem, trazendo dinheiro” “- Mas então homem para você, é isso, é ser provedor? O que mais? Vamos desembulhar esse pacote aí. Que mais está dentro dessa palavra, homem?” (P5)

Nesta fala de P5, o psicoterapeuta segue com a postura de fazer convites por meio de perguntas reflexivas ao homem a refletir entre aquilo que é a fala de uma masculinidade hegemônica com outras narrativas disponíveis, menos opressivas. Neste sentido, se o Construcionismo Social ao propor novas posturas, destaca um importante papel na linguagem, como traz P7:

o construcionismo sustenta a minha resposta mesmo quando eu respondi que eu não estava conversando sobre isso... Acho que quando eu falo do humor, dessa atenção muito especial a dinâmica do processo relacional, há como um suspiro que eu dou ou uma palavra que eu apresento a minha capacidade de entrar em contato com a linguagem da pessoa da forma como ela apresenta e tornar isso sustentável e produtivo.

Como destaca Rapizo (2020) explorar as respostas e reações autênticas que antecedem às teorias e proposições intelectuais enriquece os relacionamentos. Usando uma das metáforas das entrevistadas, o Construcionismo Social pode ser a cartola em que a/o psicoterapeuta encontra as chaves que vão possibilitando aos homens aberturas para novos sentidos, não em lugares exclusivamente intelectualizados, mas em suspiros que revelam a capacidade de relacionar-se. Estar atenta a aspectos culturais e sociais amplos, que não busca explicar de maneira individual, psíquica ou cognitiva e sim de forma relacional, complexa e conectada, localizada e contextualizada.

Por fim, é necessário destacar que o Construcionismo Social, como toda e qualquer epistemologia apresenta limitações. É necessário reconhecer outras ferramentas e outras teorias que podem ampliar o entendimento sobre as demandas dos homens:

Então eu acho que assim, a coisa do Construcionismo que para mim mais é útil de todas, é a ideia da promiscuidade terapêutica, que é da Sheila McNamee. (...) Ela tem o argumento lá, que ela fala assim, bom, então você tem essas brigas de diferentes abordagens. Dentro da terapia familiar, em que uma vai falar assim: “-Ah, a sua teoria não fala suficientemente de gênero”. “-Ah, não, a sua não fala suficientemente de não sei o quê”. Então, assim, todo mundo fica apontando um para o outro. Se a sua teoria não cobre essa parte, aí a ideia da promiscuidade ... (P1)

Eu acho que cada dificuldade que a gente vai percebendo, eu acho que você vai desenvolvendo uma ferramenta para isso e é por isso que eu falo que não tenho uma linha, eu vou buscando os recursos nas diversas linhas que eu vou conhecendo. (...) eu gosto muito de fazer trabalho corporal com homem. (...) homem, às vezes ele tem uma timidez maior na hora de se colocar corporalmente em alguma atividade. (P3)

Tal promiscuidade terapêutica, ao apontar algumas fragilidades do construcionismo social sobre determinadas demandas, convida ao mesmo tempo, ao deslocamento da ideia de uma verdade única e universal proposta pela modernidade para um diálogo democrático entre as diferentes versões terapêuticas, em especial, quando trata-se de masculinidades.

Conclusão

Estudar demandas de homens, ou pessoas que se identificam neste lugar, pode proporcionar o contato com especificidades e aspectos culturais e relacionais que demonstram como o gênero é um operador analítico necessário também para as práticas clínicas. Um olhar reflexivo crítico e o uso do conceito de masculinidades em seu significado sociológico permitem um conjunto de ferramentas e interpretações possíveis para a experiência clínica masculina integrada a aspectos de justiça social. Sibaja (2016), ao tecer considerações conceituais sobre gênero na psicoterapia com homens, pergunta que outras masculinidades são possíveis diante um mesmo patriarcado ou ainda se sem modificar a estrutura patriarcal, sem transformar aspectos estruturais, institucionais e ideológicos. Olhar o conceito de uma forma individual e apenas identitária de um sujeito e seus possíveis sofrimentos psíquicos ignora a conexão social ampla e estrutural que pode produzir sofrimento e impactos sociais e relacionais e outros sofrimentos, para além do individual, fortalecendo discursos hegemônicos.

Foi possível observar como o construcionismo social, por ser uma abordagem também presente na psicologia social, pode integrar conceitos de gênero e masculinidades e estratégias clínicas de uma forma relativamente fluida. Foi explorado o dinamismo, a atualidade, criatividade e potencialidades desta epistemologia, ainda que, como destacado, as/os terapeutas reconhecem os limites desta epistemologia, reforçando a necessidade de leituras e estudos em outras propostas teóricas, buscando nelas, recursos que contribuam com as demandas trazidas. Explorar as narrativas de terapeutas permite problematizar estas questões de forma mais integrada a aspectos macrosociais e culturais, saindo de uma perspectiva individualista, neoliberal, patologizante ou psicologizante, trazendo as discussões de demandas do movimento feministas, estudos de gênero e aspectos políticos localizados. Possibilita entender particularidades que podem ser exploradas posteriormente em pesquisas mais generalistas, assim como estratégias interventivas que podem ser repetidas e reproduzidas em futuros estudos de intervenção, ensaios clínicos e estudos de caso.

A preparação do psicoterapeuta como sujeito também envolvido em aspectos de gênero e construção de sentidos sobre masculinidades permite construir e treinar sensibilidades e reflexões, convidando os sujeitos a diálogos colaborativos e a produção de novas e diferentes narrativas sobre suas experiências emocionais e de sofrimentos psíquicos. Assim, o convite fica às/aos psicoterapeutas de outras abordagens seja o que um dos entrevistados chamou de promiscuidade terapêutica: ampliar os repertórios a partir de outros matizes de pensamento, pois elas trazem novas cores e descrições para a experiência vivida, possibilitando a transformação na forma que estes homens se relacionam entre si, com as mulheres e outras expressões de gênero, nas diversas demandas familiares, de casal, de trabalho e outros âmbitos relacionais.

As narrativas sugerem que a utilização do conceito de masculinidades nas práticas psicoterapêuticas pode enriquecer ofertas de cuidado e saúde mental mais integradas e contextualizadas as múltiplas realidades possíveis das pessoas envolvidas no processo psicoterapêutico. Este estudo convida pesquisadoras/es de outras nacionalidades, regionais e ibero-americanas, a pesquisar suas realidades e compreender como os entendimentos de masculinidade produzem efeitos nas práticas de

psicoterapeutas e no modo como os homens são atendidos, não para entender o passado, mas promover possibilidades futuras.

Como limitações, destaca-se o não aprofundamento de questões que tratassem das interseccionalidades que constroem a pluralidade de masculinidades nas múltiplas relações sociais. Para tanto, como propostas para novos estudos, a pesquisa evidenciou a necessidade de pensar e estudar a prática clínica não apenas a partir de um recorte de gênero, mas pensar estas tantas outras interseccionalidades que podem trazer afetamentos e ressonâncias no jogo de linguagem psicoterapêutico, como por exemplo, a necessidade de questionar sobre como a branquitude possibilita conversas sobre racismo, ou se a classe social de origem do psicoterapeuta impede que determinados assuntos sejam acolhidos ou produz reconhecimento por parte da pessoa atendida, ou ainda, como a relação terapêutica pode criar um contexto de colonização dos afetos. Conclui-se, portanto, a necessidade de aprofundar o debate sobre a clínica como uma prática cotidiana, atravessada por discussões valiosas para transformações sociais que precisam acontecer.

Referências

- American Psychological Association, Boys and Men Guidelines Group. (2018). *APA guidelines for psychological practice with boys and men*. <http://www.apa.org/about/policy/psychological-practice-boys-men-guidelines.pdf>
- Andersen, T. (2002). *Processos reflexivos*. Trad. Rosa Maria Bergallo. 2a ed. Instituto Noos.
- Anderson, H. (2023). Conceptual framework: Emerging orienting sensitivities for relationships and conversations that invite transformation and possibility. In H. Anderson, & D. R. Gehart (Eds.), *Collaborative-Dialogic Practice* (pp. 3-18). Routledge.
- Anderson, H., & Goolishian, H. A. (2018). Sistemas humanos como sistemas linguísticos: implicações para a teoria clínica e a terapia familiar. In M. A. Grandesso (Org.), *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas* (pp. 23-58). Editora CRV.
- Beiras, A., & Cantera, L. M. (2014). Feminismo pós-estruturalista e masculinidades: Contribuições para a intervenção com homens autores de violência contra mulheres. Em E. A. Blay (Ed.), *Feminismos e masculinidades. Novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher* (pp. 29-43). Cultura Acadêmica.
- Beiras, A., Cantera-Espinosa, L.M., & Garcia, A.L.C. (2017). A construção de uma metodologia feminista qualitativa com abordagem narrativo-crítica. *Psicoperspectivas*, 16 (2), 54-65. <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol16-Issue2-fulltext-1012>
- Barry, J. A., Liddon, L., Walker, R., & Seager, M. (2021). How therapists work with men is related to their views on masculinity, patriarchy, and politics. *Psychreg Journal of Psychology*, 5(1), 50-64. <https://doi.org/gf55>
- Burr, V., & Dick, P. (2021). A social constructionist critique of positive psychology. In *Routledge international handbook of theoretical and philosophical Psychology* (pp. 151-169). Routledge.
- Carvalho, V. A., & Nardi, H. C. (2024). A cisheteronormatividade e a diversidade dos arranjos familiares: considerações à Terapia de Família Sistêmica. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 13, e5320. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.2024.e5320>
- Cardoso, D. T., & Beiras, A. (2022). Masculinidades, psicoterapia e construcionismo social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 31(74), 52-68. <https://doi.org/10.38034/nps.v31i74.713>
- Connell, R. W. (2003). *Masculinidades*. UNAM.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Conselho Federal de Psicologia [do Brasil]. (2005). *Código de Ética do Psicólogo*. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- Cunliffe, A. L., & Ivaldi, S. (2021). Embedded ethics and reflexivity: narrating a charter of ethical experience. *Management Learning*, 52(3), 294-310. <https://doi.org/10.1177/1350507620960014>
- Hemmi, A. P., Baptista, T. W., & Rezende, M. D. (2020). O processo de construção da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30, e300321.
- Iaroseski Neto, G., & Kristensen, C. H. (2022). Quando homens vão à psicoterapia: uma revisão de contextos e demandas. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 24(2), 75-86. https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=427
- Keijzer, B. (2003). Hasta donde el cuerpo aguante: género, cuerpo y salud masculina. En C. Cáceres et al.

- (Coords.), *La salud como derecho ciudadano: Perspectivas y propuestas desde América Latina* (pp. 137-152). Universidad Peruana Cayetano Heredia.
- Fernandes, T. R., & Nascimento, V. A. (2019). O estado da arte: construcionismo social e a performance terapêutica no Brasil. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(64), 6-19. <https://doi.org/10.38034/nps.v28i64.495>
- Lax, W. (2020). O pensamento pós-moderno na prática clínica. Em S. McNamee & K. Gergen (Orgs.), *A terapia como construção social* (pp. 86-105). Artes Médicas.
- McNamee, S., Rasera, E. F., & Martins, P. (2023). *Practicing therapy as social construction*. Sage Publications.
- Medrado, B., & Lyra, J. (2008). Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 809-840. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>
- Guahyba, B. L., Scheeren, P., & Falceto, O. (2019). Feminismo na terapia familiar. *Pensando Famílias*, 23(1), 213-224. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100016&lng=pt&tlng=pt
- Pamplona, R. S., & Barros, B. W. (2021). As masculinidades à brasileira: um balanço das produções sobre o tema nos periódicos científicos. *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 95. <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/115>
- Paredes de Oliveira, B., Nogueira, C., & Marques, A. M. (2016). Percepciones del género y masculinidades dentro de la intervención psicológica. *Revista PUCE*, 115, 3-32. <https://www.revistapuce.edu.ec/index.php/revpuce/article/view/484/385>
- Pearce, B. (1996). Novos modelos e metáforas comunicacionais: A passagem da teoria à prática, do objetivismo ao Construcionismo social e da representação à reflexividade. Em D. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas de cultura e subjetividade* (pp. 172-187). Artes Médicas.
- Pollack, W. S., & Levant, R. F. (Eds.; 1998). *Nova psicoterapia para homens*. John Wiley & Sons.
- Rapizo, R. (2020). *Entre laços e nós: conversando sobre divórcio*. Editora Appris.
- Rasera, E. F. (Org.; 2021). *Social construction and group work. Social constructionist perspectives on group work*. Taos Institute Publications.
- Riessman, C. K. (1993). *Narrative analysis*. Sage.
- Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*. Sage. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100002>
- Seidler, Z. E., Wilson, M. J., Trail, K., Rice, S. M., Kealy, D., Ogrodniczuk, J. S., & Oliffe, J. L. (2021). Challenges working with men: Australian therapists' perspectives. *Journal of Clinical Psychology*, 77(12), 2781-2797. <https://doi.org/10.1002/jclp.23257>
- Sibaja, S. H. (2016). Psicoterapia con hombres: algunas consideraciones conceptuales desde la perspectiva de género. *ALFEPSI*, 11(4), 69-76. <https://www.alfepsi.org/wp-content/uploads/2016/05/Integracion-Academica-en-Psicologia-V4N11.pdf>
- Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021). Masculinidades e sofrimento mental: Do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(10), 4613-4622. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021>
- Trajano, M. P., & Gonçalves, M. D. (2020). O uso de metáforas com um adolescente em processo psicoterapêutico familiar. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(67), 23-40. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i67.517>
- Tomaszewski, L. E., Zarestky, J., & Gonzalez, E. (2020). Planning qualitative research: Design and decision making for new researchers. *International Journal of Qualitative Methods*, 19, 1609406920967174. <https://doi.org/10.1177/1609406920967174>
- Walger, C., Santos, A., & Gulin, L. (2022). Saúde mental masculina: um estudo sobre a procura por auxílio profissional. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 11(2), 52-67. <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/397>

CRedit

Conceptualização: A.B., D.T.C.; Metodologia: D.T.C.; Validação: A.B., D.T.C.; Análise formal: A.B., D.T.C.; Pesquisa: A.B., D.T.C.; Curadoria de dados: A.B.; Redação (esboço original): A.B., D.T.C.; Redação (revisão y edição): A.B., D.T.C.; Visualização: A.B., D.T.C.; Supervisão: A.B.; Administração do projeto: A.B.